

Lula cresce e assusta Collor

24 NOV 1989

Ricardo Noblat

A cendeu a luz amarela no comitê de campanha do candidato Collor de Mello, depois que o Ibope publicou a primeira pesquisa eleitoral sobre a tendência de voto do eleitor no segundo turno. A pesquisa confirmou o que a sensibilidade da média das pessoas detectava: Collor é favorito para suceder o presidente José Sarney e manter, por enquanto, uma confortável vantagem sobre o candidato Luís Inácio Lula da Silva, do PT.



A preocupação que assaltou o espírito de assessores de Collor tem a ver com a vantagem que ele abriu em relação a Lula. Esperava-se que a vantagem fosse muito maior. No primeiro turno, Collor obteve 75% de votos a mais do que Lula. Ele venceu com 28% do total dos votos válidos. Lula reuniu 16%. A pesquisa do Ibope registrou a dianteira de Collor com 31,5% de votos a mais do que Lula. A distância entre os dois diminuiu.

Na pesquisa, para que se reproduzisse, proporcionalmente, o resultado do primeiro turno, Lula deveria estar com 32% e Collor, com 56%. O Ibope, contudo, deu a Lula 38% das intenções de voto, e a Collor, 50%. Haveria 7% de eleitores indecisos e 5% de eleitores dispostos a anular o voto ou avotar em branco. Lula mais do que dobrou de tamanho entre o primeiro turno e a pesquisa do Ibope. Collor não.

O que separa Lula de Collor na pesquisa do Ibope não é uma massa de 12% dos votos, como parece sugerir o placar de 50% a 38%. Parte o reduzido número de votos nulos e em branco (12%), a vantagem de Collor sobre Lula desapareceria com a mudança de lado de 7% dos votos. Nesse caso, Collor cairia para 43% e Lula subiria para 45%. Cada ponto percentual que Collor venha a perder pode significar dois pontos para Lula.

O eleitor que catapultou Collor e Lula para o segundo turno foi, basicamente, o eleitor das classes sociais C, D e E — as mais pobres e menos instruídas. Nessas classes, que somadas representam 75% do eleitorado, os dois candidatos vão disputar a sorte de suceder o atual presidente da República — sorte ou

azar, não se sabe bem. A confusão que o presidente eleito terá que administrar vai exigir dele muito talento e paciência.

Collor e Lula tiveram talento, até aqui, para alcançar a condição de finalistas da sucessão. Com a primeira pesquisa que se conhece sobre a intenção de voto no segundo turno, Collor saiu na frente de Lula — mas foi Lula quem mais cresceu. Beneficiou-se, certamente, da maior exposição do nome dele promovida nos últimos dias pela imprensa. Mas disso beneficiou-se Collor no período de largada do primeiro turno.

Foram três programas de uma hora de duração cada um, sob o patrocínio de legendas de aluguel, que lançaram Collor no mercado eleitoral no primeiro semestre deste ano. Os programas não teriam valido de nada, se Collor não fosse o bom produto que é e se não tivesse tido competência para saber aproveitá-los — e aproveitá-los bem. A TV Globo pegou, depois, carona na campanha de Collor. Ajudou-o como pôde.

Ultimamente, passou a ajudá-lo de maneira mais inteligente e mais subliminar. Os estudiosos de propaganda subliminar não devem perder a oportunidade que a TV Globo lhes oferece no momento para se aprofundarem no assunto. Greve de trabalhador sempre foi uma coisa malvista e menos bem tratada nos noticiários da TV Globo. Sempre ocupou pouco espaço neles. O tratamento dado às greves mudou. Tanto melhor para a liberdade de informação.

A candidatura de Lula pode ter operado o milagre nos arraiais da Globo. A depender da natureza do apoio que o PSDB e o PDT lhe possam emprestar, Lula poderá vir a assustar Collor nos poucos mais de 20 dias que restam para o segundo turno da eleição. Há muito chão ainda pela frente e o eleitor parece disposto a confirmar a lição que deu no primeiro turno: ninguém controla o voto dele. Pelo menos nessa eleição solteira.

Palpite de longe — Na abertura, ontem pela manhã, em Genebra, da reunião dos líderes da Internacional Socialista, o resultado do primeiro turno da eleição brasileira frequentou a conversa entre os ex-chanceleres Willy Brandt, da Alemanha, e Benito Craxi, da Itália. “Brizola era o único nome capaz de derrotar Collor”, observou Brandt. “Covas deveria ter apoiado Brizola. É o culpado pela derrota dele”, decretou Craxi.